

OUTRAS FACES DA *BELLE ÉPOQUE*: CRÔNICAS DA REVOLTA DA VACINA

Luciana Marino Nascimento*

Resumo: A cidade como palco de lutas e de encenação para o progresso nascente do início do século XX tornou-se um lócus privilegiado para o estudo das representações sociais. Por esse motivo, pretende-se, neste trabalho, tecer algumas considerações sobre as crônicas publicadas na imprensa carioca que abordaram a deportação dos Revoltosos da Vacina, cujo levante ocorrido em 1904 deixou um saldo de muitos participantes presos e um grande contingente foi deportado para a Amazônia.

Palavras-chave: Cidade. Revolta da Vacina. *Belle Époque*.

INTRODUÇÃO

■ **A**o caminharmos pela cidade, muitas vezes, não imaginamos que ela não é feita somente de ruas, prédios, praças ou monumentos, mas, de acordo com Ficino (apud ARGAN, 1992, p. 223), “a cidade não é feita de pedras, mas de homens”, que a constroem, a habitam e a registram em seus escritos.

Um olhar sobre as imagens da cidade do Rio de Janeiro do século XIX e início do século XX, registradas pela pena dos escritores, nos leva a um registro literário da cidade, como “mapas textuais” (GOMES, 1994) que nos conduzem às entrelinhas da vida social e política. De acordo com Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 78), a cidade enquanto labirinto faz com que seus habitantes a ressignifiquem por meio de múltiplos discursos, entre eles o literário: “Lê-se a cidade como um composto de camadas sucessivas de construções e ‘escritas’, onde estratos prévios de codificação cultural se acham ‘escondidos’ na superfície, e cada um espera ser ‘descoberto e lido’” (1994, p. 78).

* Pós-doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Acre (Ufac) e do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-PQ-2. E-mail: zensansara@bol.com.br

Vale ressaltar a grande heterogeneidade do panorama cultural da época, o qual abrange tanto os escritores sintonizados aos saraus e salões quanto aquelas vozes dissonantes do coro de louvações à modernidade carioca, como bem enfatizou Brito Broca em *A vida literária dos 1900* (2004). A história da Primeira República encontra-se vinculada à história da cidade, pois exerce influência significativa sobre a vida cultural e social, e, em especial, na Literatura.

O período de reajustamento político-social, que sucedeu à proclamação da República, não era de molde a favorecer os hábitos mundanos. Mas no começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas então fizeram com o mundanismo contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter acentuadamente literário (BROCA, 2004, p. 60).

As imagens veiculadas sobre o Brasil no estrangeiro eram as piores possíveis e com a abertura do comércio e o intercâmbio do Brasil com a Europa, tornou-se urgente a transformação na paisagem da velha cidade colonial. A partir da implementação do plano urbanístico de Pereira Passos (1902-1906), o Rio de Janeiro se tornou o palco para a encenação do progresso e da cultura das elites europeizadas. As diretrizes urbanísticas fixaram os padrões de circulação, higienização e ventilação, bem como determinaram uma nova configuração topográfica. A abertura de novas avenidas, o “bota abaixo” das construções coloniais e a separação entre os espaços para fruição dos ricos e as zonas periféricas dos pobres estipulavam as novas configurações da capital republicana. O Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX, era um espaço urbano em que a pobreza e o luxo conviviam lado a lado. De acordo com Jeffrey D. Needell (1993, p. 39):

A Belle Époque carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranqüilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado. As condições para a estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão [...].

O Rio de Janeiro, como capital federal, deveria transformar-se numa “Europa possível” e, ao mesmo tempo, corporificar um modelo de nacionalidade como porta de entrada e cartão-postal do Brasil. A partir das mudanças nos padrões urbanísticos da urbe, ocorreram, também, transformações na vida social e cultural. Marcia Camargos, em seu livro *Villa Kyrial. Crônica da Belle Époque paulistana*, destaca que o mundanismo dos salões de Laurinda Santos Lobo, no Rio de Janeiro, e de Santos Valle, em São Paulo, constituíram importantes focos da vida cultural e eram dotados de traços mais literários e artísticos do que os antigos salões do Império:

Forma privilegiada de sociabilidade da alta burguesia, a mundanidade consistia em reunir em casa um público seletivo para concertos, espetáculos e bailes. [...] No Rio de Janeiro floresceram salões não apenas mundanos, mas também literários. Um dos mais notáveis foi o de domingos (CAMARGOS, 2001, p. 37-40).

A imprensa estabeleceu diálogo com todas essas manifestações da vida social e cultural, não somente no elogio aos salões, mas também na crítica aos fatos

ocorridos na cidade. Sob o signo da ironia cortante presente na tessitura dos textos das crônicas jornalísticas, a cidade harmônica e ideal do planejamento burguês é retratada como cenário de tensões sociais, trocas culturais e disputas, tendo a urbe como palco de grandes movimentos políticos e sociais.

O “bota-abaixo” constituiu-se na total destruição de variadas propriedades, como casas comerciais e cortiços, ou seja, uma verdadeira febre de demolições que levaram os cidadãos a protestos, tendo em vista o autoritarismo imposto pelo governo com a obrigatoriedade da vacina. As desapropriações estiveram embasadas em um discurso cientificista, através do qual se fazia os cidadãos crerem que suas casas estavam infectadas por bactérias. Com o objetivo de “civilizar” o Brasil, o então presidente da República, Rodrigues Alves (1902-1906), concede ao prefeito Pereira Passos totais poderes para tornar-se o Barão de Haussmann do Rio de Janeiro, transformando a velha cidade colonial em uma urbe moderna.

Tendo como pano de fundo a cidade, eclodem no Rio de Janeiro da *Belle Époque* importantes movimentos sociais, como a Revolta da Vacina em 1904 e a Revolta da Chibata em 1910. A Revolta da Vacina foi uma manifestação política que reivindicava a melhoria dos problemas urbanos: rede de águas, esgoto e, sobretudo, um ambiente em que não proliferassem doenças, ou seja, almejavam-se melhores condições de vida e de trabalho. Tal movimento e seus desdobramentos foram recorrentemente captados pelos jornais da época.

A REVOLTA DA VACINA EM ALGUNS JORNAIS DA ÉPOCA

O discurso cientificista de fins do século XIX induzia muitos a acreditarem que a vacina e a demolição dos cortiços seriam a solução para as mazelas sociais, as quais se tornavam uma ameaça à população do Rio de Janeiro, pois as classes populares eram vistas como “classes perigosas”, conforme afirma Sidney Chalhoub (1996, p. 8):

O lado perverso e caótico, que, com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problemas de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade. O aumento da pobreza e da miséria ameaçava a “paz social” da burguesia, que passou a ver os seguimentos sociais mais pobres como uma classe perigosa.

A aprovação da Lei da Vacina foi a causa imediata que levou a população à revolta, a qual foi deflagrada no dia 10 de novembro de 1904. Posteriormente, o governo suspende a obrigatoriedade da vacina. A imprensa da época registrou com frequência todo o evento, bem como seus desdobramentos posteriores. A crônica foi o gênero mais utilizado para a abordagem da revolta, que de acordo com Margarida Neves (1995) constitui um registro que nos revela “o tempo vivido”.

Vale ressaltar que as crônicas da *Belle Époque* publicadas na imprensa representaram o gênero literário mais recorrente nesse período no Rio de Janeiro, suscitando uma intensa reflexão acerca das relações entre o progresso e a tradição. Delso Renault (1969, p. 10-11) destaca que a imprensa abriu uma nova senda na vida cultural brasileira, pois transformou-se em veículo com função pedagógica e em instrumento de lutas e reivindicações, destituindo governos e

engajando-se nas campanhas abolicionista e republicana, ensejando um tempo de progresso.

O progresso almejado estava aliado à transformação urbana e era entendido como inexorável, ao passo que o conceito de tradição trazia em seu bojo um alerta à consciência nacional para a preservação dos monumentos do passado, da memória e do patrimônio cultural da cidade:

[...] a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios lingüísticos de penetração e organização artística: é que nela afloram em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 57).

O jornal *O Paiz*, em 13 de novembro de 1904, noticia o levante sob o título “Vaccinação obrigatória. As arruaças de ontem”. Já no dia 14 de novembro, o mesmo jornal noticia a revolta com detalhes, inserindo em seu subtítulo a ementa do que será tratado no texto: “O dia de ontem. Arruaças, vaias e tiros. Bonds virados e incendiados. As providências do governo. A viação urbana suspensa. Os contingentes da polícia. Forças do exército. Auxílio da Marinha. Mortes de ferimentos. A cidade às escuras. Prisões. Várias notas”. Na *Gazeta de Notícias*, de 14 de novembro de 1904, Olavo Bilac publica a crônica intitulada “A Revolta da Vacina”:

Os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos [...] Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. [...].

Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados a pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitista Oswaldo Cruz.

Tanto no noticiário do jornal *O Paiz* como na crônica de Olavo Bilac, o objetivo foi o de esvaziar o caráter reivindicatório e político do movimento da Revolta da Vacina, o qual se opunha à vacinação obrigatória. De acordo com Magali Engel (2005, p. 220), o povo revoltado, representado nas crônicas de Bilac, foi caracterizado como vagabundo e desocupado, em oposição às classes laboriosas.

A Revolta da Vacina constituiu uma evidência de como o cotidiano da cidade estava desordenado, em face das reformas de Pereira Passos e da “modernização pelo alto” empreendida naquele momento. De acordo com Nicolau Sevcenko (1984, p. 68), foi

[...] por meio de um acontecimento catalisador (a vacinação compulsória), que os habitantes deram vazão aos seus descontentamentos endossando o movimento do quebra-quebra na cidade. Os alvos? Muitos dos elementos ou símbolos da remodelação desenhada pela administração Pereira Passos, ou, por outros termos, quase tudo aquilo em que eles pudessem pressentir a presença do

poder que os afligia nos seus menores sinais: na luz elétrica, nos jardins elegantes, nas estátuas, nas vitrines de cristal, nos bancos decorados dos parques, nos relógios públicos, nos bondes, nos carros, nas fachadas de mármore, nas delegacias, agências de correio e postos de vacinação, nos uniformes, nos ministérios e nas placas de sinalização.

Bilac, em crônica publicada na revista *Kosmos*, tematiza a Revolta da Vacina, e na qualidade de intelectual e jornalista demonstra sua preocupação com a nação e seu destino. De acordo com Magali Engel (2006), Bilac foi um intelectual que refletiu e pensou a sociedade do início do século XX, sendo um sujeito oriundo das elites e, portanto, seu projeto de nação deveria realizar-se sob uma ótica da classe dominante, dentro de uma modernização de cima para baixo. Observa-se, no trecho da crônica de Bilac, a caracterização do povo:

As arruaças deste mês, nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas, vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas, murmurar que o governo tenciona degolar todos os católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos... E a gente humilde aceitará como verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vacina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se preguem editais aniquilando a calúnia, e pouco importa que todos os jornais destruam a infâmia em artigos, em notícias, em anúncios: a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram e a sua revolta brutal e irresponsável continuará a servir de arma aos especuladores. No Rio de Janeiro, e em toda parte os analfabetos são legião. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive; não é homem, é um instrumento passível e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio (Kosmos, nov. 1904).

Olavo Bilac, nessa crônica cotidiana, mostra um povo sem o domínio da leitura e da escrita, caracterizando as pessoas como ingênuas, analfabetas e, dessa forma, podendo ser manipuladas facilmente. No geral, as suas descrições sobre a revolta da população que se opõe à campanha de vacinação trazem marcas que nos dão os indícios da construção da profissão de repórter, ao descrever tudo o que estava ao alcance de seus olhos de maneira informativa e opinativa. Bilac, portanto, possui um discurso cívico, e o núcleo do seu texto gira em torno da necessidade de se ter um Rio de Janeiro “civilizado” para, então, poder se modernizar.

Registre-se o alijamento do povo, para além do caráter de demérito em relação aos revoltosos. Conforme exposto nas notícias de jornais, a população também foi caracterizada por meio do personagem *Zé Povo*, nas charges dos jornais da época, como mera espectadora e não como cidadã (SILVA, 2010, p. 102-104). De acordo com Pedro Krause Ribeiro (2009, p. 1037-1038), o personagem originalmente tem origem em Portugal, em 1875, nos desenhos do caricaturista Rafael Bordalo e, posteriormente, já no início do século XX, aparece na cena jornalística brasileira com Raul Pederneiras, Calixto, Leônidas, entre outros cartunistas.

Observa-se que, como uma árvore de Natal, “A árvore do *Zé Povo*” apresenta-se sem folhas, e, na cena, a mulher que representa a política a ornamenta com símbolos do poder. Entre esses símbolos, a seringa da vacina se faz

Ressalte-se que as deportações para a Amazônia não se deram somente para aqueles participantes da Revolta da Vacina ou para seu líder, o temível Prata Preta, mas fizeram parte de uma campanha de retirada dos indesejáveis de uma cidade que tentava se europeizar e se modernizar a partir de uma reforma urbana, conforme foi possível observar nos textos veiculados pelo periódico *O Rio Nu*. Na verdade, de acordo com Francisco Bento da Silva (2010, p. 130), foram desterradas pessoas dos estratos mais populares:

Eram, em muitos casos, sujeitos desempregados, biscates, capoeiras, delinquentes de pequenos crimes e que carregavam desde muito o estigma de serem elementos formadores das “classes perigosas”. Ou seja, os estereótipos que carregavam já os remetiam ao mundo do crime, fosse isso verdadeiro ou não.

Dessa forma, é diretamente nos jornais onde podemos encontrar dados e textos sobre essa deportação de revoltosos para a Amazônia, textos esses que vão desde notícias a gazetilhas de pé de página ou mesmo crônicas, como foi o caso do periódico mencionado anteriormente, *O Rio Nu*, que trazia variados textos sobre as deportações para o Acre, utilizando-se da ironia e da pilhéria: “Os cântens desterrados para o Acre fizeram grande previsão de canhões húngaros e russos para se defenderem, caso tenham que passar mais de 60 dias naquellas saudáveis e hospitaleiras regiões” (Lopes Trepeaux) (PR-SOR 8 (4) Título: *O Rio Nu*, ano VII, n. 674, 21 dez. 1904. Matéria: “A semana despida”, p. 2.)

Os desteros compulsórios de revoltosos e de não revoltosos foram, sem dúvida, o desdobramento mais cruel do Levante da Vacina, tendo em vista que a viagem para a Amazônia era sem volta, quer seja pela distância, quer seja pelas condições financeiras dos desterrados, os quais passaram a viver numa realidade distinta numa floresta hostil à habitação humana. Citamos aqui uma crônica, assinada por Ruy Valle, no periódico *O Malho*, na qual o cronista sustenta que o desterro será a redenção para toda uma horda de “gente da lyra, heroes de gaforinha e da navalha, com retrato na detenção”, trocando “a navalha e a viola pelo alvião e pela enxada”. Mais adiante, o cronista compara os degredos de 1904 àqueles ocorridos nos séculos XVI e XVII, os quais apregoavam uma espécie de “limpeza da Europa”, expurgando os condenados pela inquisição e os praticantes de pequenos crimes (SOUZA, 1994). A seguir transcrevemos trechos da crônica:

Chronica de estado de sítio... Que pode ser sinão uma rezenha fria de cousas apagadas? O estado de sítio exerce uma influência exquisita nesta terra desde que o decretou, toda a agitação serena, toda a perturbação cessa. [...]

Uma ligeira onda levantou por momentos esse véo de águas mortas: partiu sorrateiramente para o Acre um navio conduzindo uma leva de degredados. Toda a gente sabe que esses degredados são o povo da lyra, heroes da gaforinha e da navalha, com retrato na detenção e medida no gabinete anthropometrico: foram eles que constituíram o “povo indignado” em cujo pronunciamento se apoiou o Sr. Lauro Sodré para salvar a pátria. Partiram certamente com a alma desvatrada, o coração dilacerado, mortos de saudades das vielas da Saúde, que são o seu campo de glória. [...]

O degredo é ás vezes a regeneração. Outro meio, outros hábitos. Alli na terra virgem, a necessidade de viver os há de dar forças ao trabalho, que o parasitismo

se torna impossível de todo. Em face da beleza brutal e imponente, meiga para os que a afrontam, cruel para que se deixam amedrontar por ella, o povo da lyra abandonará a viola e a navalha pelo alvião e pela enxada. [...]

Auguro ao Acre, um brilhante futuro. Abram a história e verão que todos os povos do mundo não nasceram de fonte mais pura do que essa. Roma foi um couro de bandidos e entretanto chegou a dominar o mundo. O Brasil é uma grande terra e todavia não começou a colonisal-o sinão com as fezes sociaes. O Acre irá longe... A terra é rica, fertilíssima e cheia de borracha. [...]

O pessoal que vai para lá é valente, destemido, capaz de enfrentar os perigos naturaes. Novos seringais serão descobertos, conquistados aos índios, debastados e o dinheiro correrá das feridas da árvore da borracha como aqui corria o sangue das facadas que esse pessoal tão levemente sabia ministrar. Todos ganham com essa festa. Ganhou sobretudo o chefe de polícia, ainda mais a estima e o apreço dos homens de coração, que virão que não o dominou a cegueira do ódio ou a indiferença da crueldade, mas ele soube fazer a escolha do pessoal a desterrar com a gravidade e a serenidade do juiz que não quer punir o inocente (CÓDIGO: PR-SPR 218 Título: O Malho, ano III, n. 116, 3 dez. 1904. Matéria: "Chronica", p. 4).

Note-se que na crônica ainda vigora a imagem da Amazônia, no caso, o Acre como um território virgem. De acordo com Carlos Gonçalves (2001, p. 16), "a Amazônia muitas vezes é vista como sendo a última fronteira, onde parece existir uma natureza intocada". Entretanto, essa visão acerca da Amazônia, na verdade, constitui uma construção imagética que se deu ao longo da história, cujas origens podemos situar no discurso dos viajantes estrangeiros maravilhados diante de uma natureza exuberante, o que acabou por fundar uma extensa linha de tradição, na compreensão que se tem sobre a Amazônia.

Num movimento pendular², tal qual o deslocamento urbano, o cronista apresenta uma Amazônia que transita entre o céu e o inferno, na qual o bioma é um elemento hostil ao ser humano e, ao mesmo tempo, é um espaço de oportunidades para os mais intrépidos, apesar de serem caracterizados como criminosos. Esse discurso dominou os meios intelectuais e jornalísticos, no que se referia à Amazônia na passagem do XIX para o XX e em décadas posteriores. No texto da crônica, o desterro de revoltosos ou não revoltosos para o Acre cumpria papel semelhante ao que foi o Brasil para Portugal, ou seja, o *locus* onde se despejariam os "indesejáveis". Vale ressaltar que o cronista é imbuído de um pretensão espírito otimista e sarcástico em relação aos desterrados, os quais estão destinados a viver e a morrer no Acre³, naquela imensidão da floresta e dos seringais, onde "vaga população erradia e dispersa, perdida em um recanto selvagem da Amazônia" (OLIVEIRA VIANA, 1942, p. 146).

Sendo assim, se pensarmos na própria crônica como gênero híbrido, que nasce no jornal e passeia entre o literário e o não literário, captando o miúdo, o efêmero, nos permite iluminar um episódio da história ainda pouco referenciado, ou seja, os degredos para o Acre, durante a Revolta da Vacina:

2 Sobre o conceito de movimento pendular em urbanística, ver Firkowskii, Castello Branco e Freitas (2005).

3 Em edições antigas do Dicionário Aurélio, morrer era sinônimo de ir para o Acre.

A crônica é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera [...] Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em 'ficar', isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão (CANDIDO, 1992, p. 14-15).

De modo geral, os textos publicados na imprensa carioca do período, ao tratarem do assunto da Revolta da Vacina e das deportações para a Amazônia, afirmavam veementemente que esses desterros seriam a redenção para o povo desordeiro, bem como representariam mão de obra para o trabalho nos seringais.

Na coluna *Semana Despida*, do periódico *O Rio Nu*, assinada por um cronista sob o pseudônimo de Pintassilgo, ficava claro para o leitor que as deportações estavam longe de ser somente uma punição para os revoltosos, mas antes representavam uma forma de civilizar a capital da República e, por isso, foram despachados para o Acre pessoas dos estratos mais baixos da população, como capoeiras, pequenos biscateiros, prostitutas e cafetões, como se pode observar no trecho a seguir:

Seria um facto inexplicável para o público si o Rio Nu deixasse de procurar qualquer dos ilustres representantes do caftismo a bordo do navio que os conduzia para o Acre.

Quando chegamos á ilha das Gibóias, já haviam embarcado os magnatas obrigando-nos a fretar uma lancha que nos levasse ao destino que almejávamos. Quase encostado ao portaló da prôa, distinguimos Leão C... que conversava animadamente com a Sarah e com a Carmem, habitantes da zona do Rocio.

– Precisávamos falar-lhe, dissemos.

– Pois não.

E entramos na matéria:

– Que pretendem fazer no Acre?

– Nosso negócio.

– Não acha difícil?

– Qual! Em todo logar encontramos quem nos queira.

– Esperam ganhar fortuna?

– Não tanto como aqui. A Sarah, por exemplo, era raro o mez que não me passava 1.500\$; a Carmem variava de 500\$ a 1000\$.

[...]

Estavam muito tristes, pois acostumaram-se àquilo e não sabiam como poderiam viver dalli por diante

– Homens não faltam, arriscamos...

– Como Leon, non! E's um sinhôr bom, amico da gente. Ensinou os costumes brasileiros, tudo, tudo, tudo.

[...]

– E as duas? porque não vão?

– Não podem. Ficam bancando aqui até a nossa volta.

– E si o estado de sítio prolongar-se?

– Melhor será. A volta traremos gente de arregalar o olho que com as que já temos, dar-nos-há fabulosas fortunas!!

(CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) Título: *O Rio Nu*, ano VII, n. 675, 24 dez. 1904. Matéria: "Os sucessos de 14 de novembro", p. 7.)

A crônica “Os sucessos de 14 de novembro” narra um diálogo entre um jornalista do periódico *O Rio Nu*, um cafetão e duas prostitutas. O jornalista próximo ao embarque na Ilha das Cobras pergunta a um cafetão e a duas prostitutas o que esperam da ida ao Acre e estes respondem que farão bons negócios, inclusive com previsão de trazer novas pessoas para a prostituição. Tal crônica assemelha-se à crônica reportagem, gênero bastante utilizado na escrita de João do Rio. Conforme nos afirma Brito Broca (2004, p. 247), foi com João do Rio que “a crônica deixava de se fazer entre as quatro paredes de um gabinete tranqüilo, para buscar diretamente na rua, na vida agitada da cidade o seu interesse literário, jornalístico e humano”.

O cronista expressa o imaginário que se formou em torno da prostituta, a partir da urbanização de fins do século XIX/início do século XX, época em que a estreita associação entre cultura francesa e modernidade se estendeu ao campo da sexualidade. No texto da crônica, uma das prostitutas afirma que aprendeu os costumes brasileiros com o câften Leon, utilizando, de forma sedutora, o jogo sonoro com os fonemas da língua francesa: “– Como Leon, non! És um sinhôr bom, amico da gente. Ensinou os costumes brasileiros, tudo, tudo, tudo”. De acordo com Margareth Rago (2005, p.114):

[...] no imaginário estabelecido na experiência da modernidade, em São Paulo, mas também em muitas outras cidades brasileiras, as prostitutas de luxo francesas e polacas eram altamente apreciadas como agentes civilizadores, isto é, consideradas responsáveis pela introdução de novos hábitos, costumes e modos de vida existentes em Paris. Muitos bordéis e cabarés adotaram nomes franceses, além de copiarem a decoração e o estilo usados nos estabelecimentos franceses, criando um cenário condizente com a teatralização da vida do submundo parisiense, com a qual sonhava a rica burguesia.

Ressalte-se que a crônica reportagem foi uma tendência dos 1900. Brito Broca (2004) atesta que foi a partir de 1900 que a imprensa, a partir da decadência do folhetim, passou a dar mais relevo à notícia e à reportagem, em lugar de artigos e textos de opinião:

A decadência do folhetim, que evoluiu para a crônica de uma coluna focalizando apenas um assunto, e daí para a reportagem; o emprego mais generalizado da entrevista, muito pouco utilizada até 1900, e a crítica literária – em caráter mais regular e permanente (BROCA, 2004, p. 209).

Além da crônica reportagem, a crônica se faz presente dentro de uma tipologia variada e era veiculada nos jornais sob a forma de carta e na forma poética.

O texto “Para o Acre”, assinado sob o pseudônimo de Othello, o Bello, foi escrito sob a forma de poema, também publicado no mesmo periódico (*O Rio Nu*). O texto, além do tom da pilhéria, nos mostra ironicamente os desterrados para o Acre, utilizando-se de uma linguagem pseudorromântica de exortação a uma nova vida para os desterrados, na Amazônia:

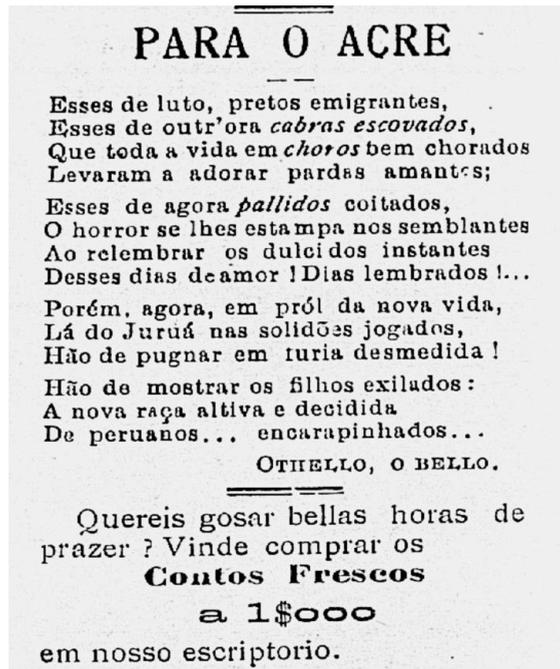


Figura 2 – CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) Título: *O Rio Nu*, ano VIII, n. 691, 18 fev. 1905. “Para o Acre”, p. 2

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

O texto, de fato, faz menção a importantes aspectos da região do Acre, pois alguns dos desterrados foram destinados a Cruzeiro do Sul, cidade cortada pelo rio Juruá, e mesmo no abandono de uma terra longínqua, há de surgir “a nova raça ativa”. Nesse sentido, pode-se compreender a ocupação das terras acreanas como um povoamento “acidental”, a partir dos excluídos da Capital da República. O nascimento de uma “raça ativa” encontra ecos no que Euclides da Cunha afirmou em 1905, quando realizou a sua viagem ao Acre: “cem mil almas ou cem mil sertanejos ressuscitados”, ou seja, seria o surgimento dos novos acreanos incorporados a população do lugar (CUNHA, 2008, p. 25).

A seção “Cartas de um caipira”, no periódico *O Rio Nu*, apresentava a crônica sob a forma de carta, utilizando a linguagem humorística e o dialeto caipira, aliando a ficção ao testemunho de um fato do momento. O autor fictício das crônicas é Juca Galinha, o qual escreve ao compadre Numa Telle, sendo que os compadres se revezavam a cada semana, com a publicação da reposta à “carta” anteriormente enviada.

Em uma das edições, a carta é endereçada ao compadre Numa Telle, na qual o missivista Juca Gallinha explica que foi pego durante os protestos da rua e foi mandado para o Acre, e pede para que o compadre cuide de sua mulher. Em cartas de um caipira, o cronista sob o signo da pilhéria explora a oralidade e a comicidade, realizando, também, a crítica ao fato ocorrido, ou seja, a deportação para o Acre. Essa abolição de barreiras entre a linguagem popular e a linguagem do jornalista intelectual corresponde ao que Bakhtin (2010) denominou carnavaização, expondo o avesso de um mesmo evento.

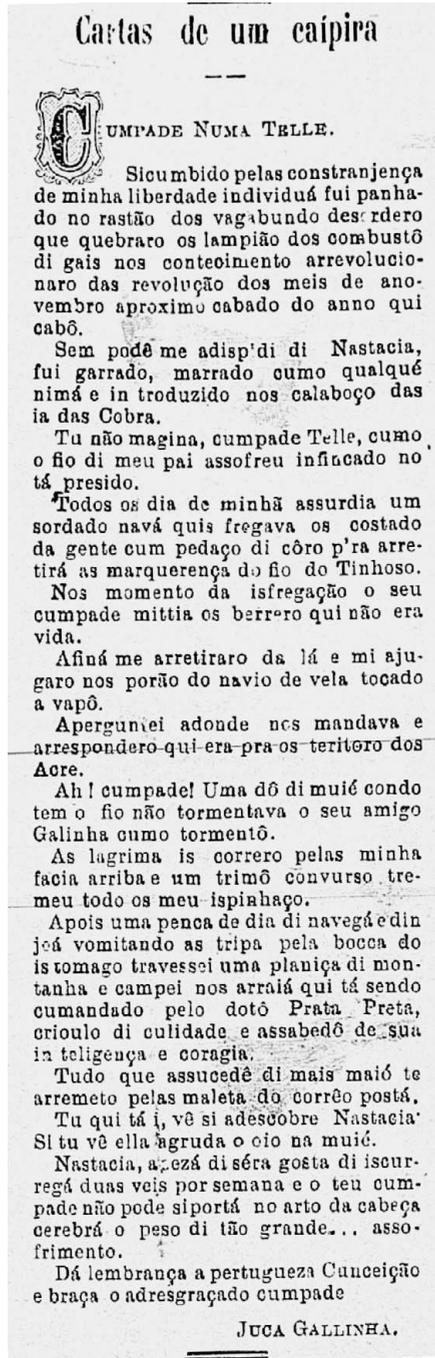


Figura 3 – CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) Título: *O Rio Nu*, ano VIII, n. 681, 14 jan. 1905.

Matéria: “Cartas de um caipira”, p. 3

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

É nos vãos deixados pela história oficial que atua a ficção das cartas. Na edição do mês seguinte, na mesma seção “Cartas de um caipira”, o compadre Numa Telle responde a missiva ao compadre Juca. O missivista, lamentando a ausência do compadre, que havia ido para o Acre, o aconselha a cuidar de sua mulher adúltera. A seguir, dispomos o recorte da carta:

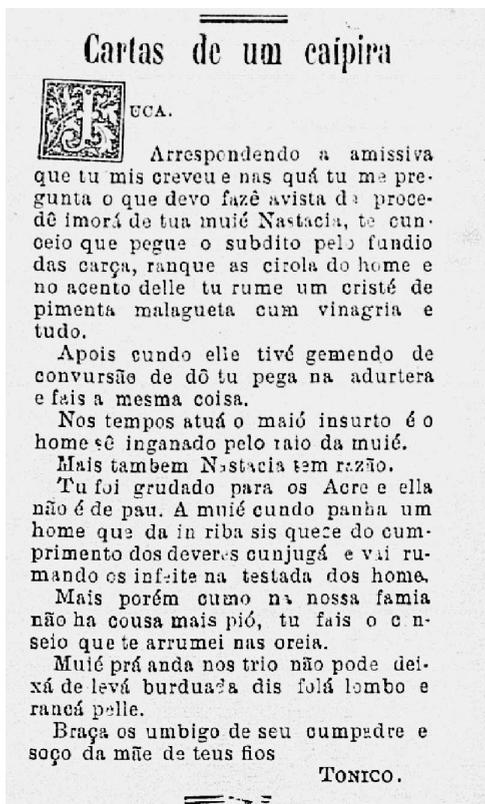


Figura 4 – CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TÍTULO: *O Rio Nu*, ano VIII, n. 692, 22 fev. 1905.

Matéria: “Cartas de um caipira”, p. 7

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste panorama descrito acerca da Revolta da Vacina, foi possível perceber o cenário da *Belle Époque* para além dos salões e da vida social das elites, tendo em vista que os literatos e os jornais nos mostram imagens das tensões sociais da Primeira República na crônica diária, tentando pintar por palavras uma terra distante – a Amazônia. Nesse sentido, pode-se observar como se unem as duas pontas de uma mesma bela época, na qual na Amazônia se vivia o auge da economia gomífera e no Rio de Janeiro, alheia dos salões afrancesados, uma população excluída promovia uma revolta, que, para além da recusa da vacina, havia em seu bojo reivindicações por melhores condições de vida e de trabalho.

Os deportados para o Acre, por ocasião da Revolta da Vacina, constituem “gentes sem memória” dentro da historiografia (SILVA, 2006.). Entretanto, podemos afirmar que a crônica ao falar do “rés do chão”, como bem nos ensinou Antonio Candido, tem o poder de dotar esses degredados de uma memória, que não é oficial, mas é uma memória que se eterniza pela escrita da literatura, sendo que a crônica enquanto arte literária eternizou o elemento fugaz, encampando a modernidade, conforme nos disse Baudelaire em seu artigo, “Sobre a Modernidade”, em 1863.

Iluminar, por meio das diversas escritas literárias veiculadas nos jornais, um episódio ainda pouco estudado, nos traz a oportunidade de melhor compreender quais as razões dos degredos para o Acre de parte de uma camada popular que estava a exigir seus direitos e exercer sua cidadania, o que representa, sem dúvida, trazer para o debate “os mortos de sobrecasaca” drummondianos (MALARD, 1987).

OTHER FACES OF THE BELLE ÉPOQUE: CHRONICLES OF VACCINATION INSURRECTION

Abstract: *The city as an arena of fighting and staging to the emergent progress in the beginning of the 20th century has become a privileged locus for the studies of social representations. For this reason, this paper intends to draw some considerations about the chronicles published in the carioca press depicting the deportation of Vaccination Rebels, whose insurrection in 1904 led to many imprisonments and a considerable number of deportations to the Amazon region.*

Keywords: *City. Vaccination Insurrection. Belle Époque.*

REFERÊNCIAS

- ARGAN, G. C. *A história da arte como história da cidade*. Tradução Pier Luigi Capra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ARRIGUCCI JR., D. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BROCA, B. *A vida literária no Brasil 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- CAMARGOS, M. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque Paulistana*. São Paulo: Senac, 2001.
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CUNHA, E. da. *À margem da história*. Belém: NEAD/Unama. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 20 maio 2008.
- ENGEL, M. G. Os intelectuais, o nacional e o popular (Rio de Janeiro, 1890-1910). *História Social*, Campinas, n. 11, p. 211-226, 2005.

- ENGEL, M. G. Povo, política e cultura: um diálogo entre intelectuais da Primeira República, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Magali%20Gouveia%20Engel.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2012.
- FIRKOWSKII, R. M.; CASTELLO BRANCO, M. L. G.; FREITAS, O. L. C. de F. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. *São Paulo Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 4, out./dez., 2005.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. 14 nov. 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- GOMES, R. C. *Todas as Cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MALARD, L. *Hoje tem espetáculo: Avelino Fóscolo e seu romance*. Belo Horizonte: UFMG/Proed, 1987.
- O MALHO. 3 dez. 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- NEDELL, J. D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NEVES, M. de S. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, B. (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995. p. 15-31.
- O PAIZ. 13 nov. 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- OLIVEIRA VIANA, F. *Pequenos estudos de psicologia social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.
- RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e os códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- RENAULT, D. *O Rio antigo nos anúncios de jornais*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- REVISTA KOSMO. Nov. 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- RIBEIRO, P. K. O “POVO” na retórica da charge: Zé povinho e Zé povo na imprensa luso-brasileira (1875-1907). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2., 2009, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 2009. p. 1037-1046.
- O RIO NU. Nov. 1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- SEVCENKO, N. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SILVA, F. B. História, degredados, gentes sem memória. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 7., 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação Nacional de História, 2006, p. 1-9.
- SILVA, F. B. *Acre, a “pátria dos proscritos”*: prisões e desteros para as regiões do Acre em 1904 e 1910. 2010. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- SOUZA, L. de M. e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Recebido em setembro de 2013.

Aprovado em julho de 2014.